

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 277

3 de janeiro de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Se vocês se lembram, na outra aula, comecei explicando que a mentalidade contemporânea é dirigida — moldada, por assim dizer — por dois ideais — ou projetos, ou sonhos — antagônicos. Por um lado, existe o sonho do domínio científico — de um mundo totalmente administrado sob a direção de uma classe de cientistas e acadêmicos — e, portanto, a eliminação das contradições, ambiguidades e dificuldades da discussão política e a remissão de tudo aos cuidados de uma administração científica. Esse é um dos ideais. O outro ideal, ao contrário, é o da dissolução de tudo quanto se entende como ciência, racionalidade, lógica etc., e o advento da humanidade a uma era de espontaneidade, prazer, imaginação etc.

Nós tínhamos chegado até o ponto em que havia a eclosão da *New Left*, nos Estados Unidos. Para complicar mais as coisas, a *New Left* havia coincidido no tempo e no espaço com a eclosão da chamada Nova Era, ou *New Age*. Então hoje vou dar aqui umas explicações sobre a *New Age*.

Tudo isso que estou dizendo não se limita a correntes de idéias, ou filosofias. Se fosse assim, a coisa não acabaria mais. Mas estou usando apenas aquelas correntes que deixaram marcas na mente das pessoas, ou seja, o cidadão, o habitante de um meio urbano, hoje, é afetado por essas correntes de idéias e elas constituem a totalidade do repertório imaginativo que ele tem — ele não tem nada fora disso. Estou falando daquilo que constitui a própria substância dos sentimentos, esperanças, reações e até sonhos das pessoas — aquilo que constitui a sua vida psíquica. É claro que existem inúmeras outras correntes de idéias e muito mais valiosas, mais importantes do que essas que vou expor, mas que não tem tanto alcance popular.

Enquanto estava acontecendo tudo isso que estou descrevendo aqui havia, por exemplo, a filosofia de Bernard Lonergan, Eric Voegelin etc., só que isso não se incorpora na cultura das massas. Isso continua limitado a uma elite e não é uma força histórica agente ainda, mas pode se tornar com o tempo — as filosofias em geral levam muito tempo para se tornar forças históricas agentes. Por exemplo, se você pensar bem, Aristóteles viveu quatro séculos antes de Cristo e ele se torna publicamente influente a partir do século XII, XIII, na Europa — são dezesseis séculos! Então para que uma filosofia se torne uma força histórica agente, tem de passar por uma série de adaptações e incorporações por grupos que a interpretam, trabalham e repassam às multidões já transformadas de um mero arcabouço teórico em propostas de vida, em valores, em sistema educacional etc.

Isso leva um tempo desgraçado para fazer, a não ser que essa filosofia já nasça inicialmente como uma ideologia, como um ideário de um movimento de massas, como é o caso do marxismo. Mesmo assim, o marxismo só adquire importância no Ocidente depois da

Revolução Russa. No meio acadêmico, praticamente ninguém levava o marxismo a sério até, digamos, 1910, 1915 — todo o meio acadêmico, ou seja, todos os cientistas sociais, economistas etc. receberam aquilo com o maior desprezo. Porém, depois da Revolução Russa — não esqueçam, é uma revolução que acontece num país periférico, num país que estava afastado da linha central dos acontecimentos na Europa —, de repente, aparece aquele monstro daquele país governado por uma elite marxista, as pessoas começam a prestar atenção e o marxismo adquire, pela força da presença da União Soviética, uma relevância cada vez maior na vida intelectual do Ocidente até se tornar, como dizia Sartre, “a filosofia inevitável do nosso tempo”. Mas isso aí já foi na década de 50, enquanto *O Manifesto Comunista* é de 1848 — já tinha se passado um século.

Isso quer dizer que se você pegar o discurso de qualquer representante público de uma corrente de idéias ou sentimentos, você verá a marca de tudo isso que estou dizendo aqui. Por exemplo, os discursos parlamentares do Jean Wyllys, da Maria do Rosário, da Jandira Feghali ou o falatório de qualquer professorzinho universitário de faculdade de fundo de quintal, todo esse complexo de idéias não só está lá presente, como é ele que molda a cabeça dessas pessoas, quer elas saibam ou não qual é a origem das suas idéias, e em geral não sabem. O horizonte de idéias que expus aqui na última aula por um lado molda realmente a cabeça dessas pessoas e por outro lado transcende infinitamente o horizonte de consciência delas.

Nós estamos falando não só de idéias, mas de reações, de sentimentos, de símbolos, de reflexos condicionados etc. — estamos rastreando a fonte histórica de tudo isso. E o indivíduo que vivencia essa situação se torna ele mesmo um porta-voz, um eco de toda essa corrente de influência, e em geral não tem idéia, não tem consciência de onde aquilo saiu — não tem nem precisa ter. Uma característica do ser humano é que qualquer idéia, por mais maluca que seja, que você ponha na cabeça dele, ele considera [0:10] criação sua. Dificilmente um indivíduo vai perceber isso. Só se você for um estudioso, muito especializado na coisa, você vai ter essa preocupação de rastrear a origem das suas idéias, que é uma coisa que recomendo enfaticamente a todos os meus alunos: não subscrevam nem rejeitem nenhuma idéia sem saber de onde ela saiu e como ela foi parar na sua cabeça. O número de idéias ou reações que você pode dizer que são suas próprias é ínfimo; o resto você as recebeu da cultura ambiente.

A *New Left* é terrivelmente importante: não se esqueçam que praticamente todas as correntes de idéias que você vê no Brasil hoje nasceram com a *New Left*, com a escola de Frankfurt, com Antônio Gramsci e com a influência tremenda da esquerda americana. E esta é uma outra característica da esquerda brasileira: negar que existe a esquerda americana e ao mesmo tempo tudo o que ela fala é uma repetição do que a esquerda americana lhe ensinou.

Quando chegamos a esse ponto, entra um outro fator complicador que é a *New Age*. A *New Age* tem uma influência tremenda sobre a vida de pessoas que nunca ouviram falar dela. Sempre que você ouve alguém dizer: “Nós temos de tolerar a religião do próximo, temos de aceitar a diversidade”, você está ecoando coisas da Nova Era, mas você não sabe de onde veio, e isso lhe parece natural porque é uma coisa que você ouviu de fonte que lhe parece confiável e que lhe parece representar um treco que você chama de opinião pública, opinião dominante ou a visão normal das coisas. E quanto mais você está persuadido da obviedade aparente de certas idéias, mais elas lhe parecem traduzir a própria natureza das coisas, e não ser uma corrente de idéias. A influência e o poder persuasivo de certas idéias chega a ser um negócio tão poderoso e tão profundo, que você negá-las ou ignorá-las parece ser uma doença mental. Por exemplo, se você hoje, em certos meios, questiona a Teoria da Evolução, isso não soa como uma idéia, uma objeção que você tenha, mas como uma manifestação de uma ignorância sua, ou de uma deficiência mental, ou de uma neurose, ou de algo assim.

“Quanto mais você ignora a origem das suas idéias, crenças e preferências, mais se imagina criador de si mesmo e livre de toda influência externa. Mantidos na ilusão da independência, milhões de idiotas repetem o que lhes mandaram dizer e fazem o que foram adestrados para fazer. Nada ilustra isso melhor do que a *New Age*. Nunca um movimento se espalhou tão rapidamente pelo mundo e impôs novos padrões de julgamento, de sentimento e de percepção com tão aparente naturalidade que hoje em dia dificilmente se encontra, nos grandes centros urbanos, alguém cuja vida mais íntima e até inconsciente não tenha sido moldada ou pelo menos afetada por ele.

Seria inútil procurar um conjunto ou sistema de idéias e propostas que definissem a *New Age*. Reina aí a mais fulgurante confusão e multiplicidade de fontes que nenhum estudo de conjunto conseguiu abranger e muito menos ordenar. As interpretações parciais, que enfatizam um aspecto em detrimento dos outros, tornam a coisa ainda mais confusa.

Mais fácil é descrever esse movimento negativamente, por aquilo que, na prática senão também em teoria, ele busca destruir.”

Aliás, esse é um método comum quando uma discussão de idéias está parecendo muito confusa, o sujeito tem de fazer a pergunta do Croce: contra quem eles estão falando? A corrente de idéias vai se definir não tanto pelo seu conteúdo intrínseco, mas pela oposição que ela move a alguma outra corrente que se entende como dominante antes do advento desta nova corrente. É aquele negócio que explicava Julián Marías: a fórmula de uma tese filosófica não é “ $a = b$ ”, mas é “ a não é b , e sim c ”. Tem de ter um *não*.

“Nesse ponto não resta a menor dúvida: quaisquer que sejam as intenções subjetivas de seus participantes individuais, no conjunto a *New Age* teve e tem como objetivo prioritário dissolver a unidade cristã da civilização ocidental numa pasta de religiões, tradições, ‘espiritualidades’, magias e místicas diversas, que hoje o cidadão comum já não consegue mais distinguir daquilo que possa ter sido o cristianismo.”

Por exemplo, o cidadão médio de uma grande cidade — São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque, Paris um pouco menos —, o conjunto de sentimentos e de reações que esse indivíduo considera cristão — que para ele representa o cristianismo — não tem nada de cristianismo; é tudo coisa da Nova Era. É uma versão já trabalhada e alterada.

Uma vez vi uma série de entrevistas que um sujeito fez na rua, perguntando da seguinte forma para as pessoas: “Você acha que você é uma pessoa boa?; você acha que, quando morrer, vai para o céu?”. Cem por cento respondeu: “Sim, vou para o céu”. “Mas por que você vai para o céu?”. “Ah, porque sou uma pessoa boa, não faço mal a ninguém, não falo mal das pessoas, não roubo, não roubei, não matei etc.” Então o indivíduo acha que o critério do Juízo Final são essas virtudes banais do dia-a-dia, que são virtudes da decência, da honestidade etc., ele acha que isso é a substância do cristianismo. Isso não tem nada a ver com o cristianismo, isso é a ideologia da democracia moderna. Como esse conjunto de reações — banais, na verdade — se substituiu ao cristianismo? Foi exatamente a Nova Era. Antes da Nova Era, era perfeitamente possível distinguir o que era o cristianismo do que não era — agora não é mais. E isso quer dizer que o “cristianismo” que tem na cabeça das pessoas é eminentemente um produto da Nova Era, e não do cristianismo propriamente dito.

No conjunto, a Nova Era teve esse efeito. Nesse sentido, ela é um complemento ou uma extensão do famoso programa da Escola de Frankfurt, que Georg Lukács, no começo dessa Escola, enunciou como a destruição da civilização ocidental. O que se opunha, no entender do jovem Lukács, ao socialismo? Ele dizia: “Não é tanto o capitalismo, mas é um treco chamado civilização ocidental ou civilização judaico-cristã — é isto que nós precisamos destruir, porque isto criou em torno da democracia capitalista uma carapaça de proteção de modo que

a ideologia proletária se revela impossível de penetrar. Então temos de destruir essa camada de proteção e daí sim a ideologia proletária terá chance”. Esse foi o programa lançado em 1910 por Georg Lukács. Portanto, haja ou não uma conexão organizacional nesse sentido — e hoje sei que existe, mas este não é o nosso assunto —, a Nova Era aparece como mais um capítulo do empreendimento de destruição, ou dissolução, ou absorção, ou de superação do cristianismo.

Aluno: Eu espero que seja pertinente isto que vou dizer agora: em contrapartida, houve um enfraquecimento da presença da Igreja na sociedade como mãe e mestra, a Igreja como educadora.

Olavo: Sim, mas esse é outro aspecto pelo seguinte: ao mesmo tempo que estava eclodindo a Nova Era nos Estados Unidos, o que estava acontecendo em Roma? O Concílio Vaticano II, que começa em 1962, o qual abre as portas para um tipo de diálogo e de ecumenismo que permitiu isto que nós vemos hoje — o pastiche total das religiões. Mas esse é um fenômeno que aparece por várias fontes. Por isso, analisar a cabeça do cidadão de um meio urbano hoje é muito difícil porque as correntes que formaram a sua mentalidade são diversas e o cidadão não tem a menor consciência de onde isso veio, [0:20] e é o que estou tentando rastrear.

Rastreamos aquilo que veio pelo lado do que podemos chamar de esquerda política durante algum tempo em que aparece na transfiguração interna do marxismo a partir dos anos 50-60. E vocês devem se lembrar que eu estava supondo um filósofo marxista que de repente se defrontasse com certos problemas, ou certas dificuldades internas do marxismo e que buscasse uma solução para elas nas ciências humanas mais recentemente desenvolvidas, como a linguística, a antropologia estrutural etc. Foi isso realmente o que aconteceu e a fórmula mental de um intelectual esquerdista hoje é muito diferente do que era nos anos 40, porque incorpora uma série de elementos externos que vão dissolvendo a substância teórica — a substância doutrinal do marxismo — e transformando-a numa coisa completamente diferente. Mas justamente à medida que acontece essa transformação, o movimento comunista se amplia e se torna imensamente mais eficiente e mais poderoso, embora ele já não tenha unidade doutrinal nenhuma porque os caras também descobriram que a unidade doutrinal não é negócio; descobriram que é melhor você ter uma unidade estratégica por trás de discursos ideológicos diferentes e incompatíveis. Ou seja, pouco importam os discursos, um está ali porque é gayzista, o outro está porque é adepto à negritude, o outro está porque é feminista. Pouco importa isso aí. Cada um pode ter seu discurso diferente, mas estão todos unidos na unidade de um movimento e de uma estratégia e não de uma doutrina. É isso o que funciona hoje.

No entanto, do conjunto de elementos que formam esse pastiche doutrinal entra ainda a Nova Era. E a Nova Era ainda incide num território que estava aberto e preparado pelo Concílio Vaticano II, o qual teria de ser estudado em separado — as mudanças internas da Igreja nesse tempo e também as transformações do movimento evangélico. Tudo isso é o que forma a cabeça das pessoas; elas não sabem de onde vêm essas idéias, de onde vêm essas reações, mas a cabeça do mais burro dos cidadãos é um depósito da história do pensamento nesse período. Justamente porque o cidadão é inculto e incapaz de pensar por si mesmo, então é claro que todas as idéias dele vêm de fora, embora ele não saiba de onde veio. Bastaria você analisar a cabeça de um sujeito. Por exemplo, um Jean Wyllys, ou uma Jandira Feghali — qualquer um desses —, examine e veja quais são os elementos que estão aí. Então você vai rastreando e o que vai encontrar é o que estou descrevendo nessas aulas aqui. E se você perguntar: “O que isso tem a ver com o Kant?” Você vai ver daqui a pouco como a presença de Kant paira sobre tudo isso de uma maneira gramsciana: é o poder invisível e onipresente do imperativo

categorico. Eu não estou abordando a questão da Igreja — do Concílio Vaticano II —, mas é um elemento que tem de entrar aqui.

“Uma segunda camada de traços negativos identificadores aparece sob a primeira. Como o pretexto motivacional usado para atrair as massas para o movimento foi o de ‘reencantar o mundo’ (...)”

Esta expressão “reencantar” é uma resposta a uma expressão de Max Weber. Ele diz que o advento da civilização administrada, racionalizada, técnico-científica etc. desencantou o mundo, ou seja, reduziu a vida a um processo racional-econômico, em que a economia está no centro de tudo, ela se torna o objetivo principal da vida e o resto é apenas um enfeite em volta. Então a Nova Era parece que deve reencantar o mundo; reintroduzir o elemento mágico, onírico etc.

“(...) abrindo na casca do cientificismo tecnocrático-materialista uma janela para algo que se chamava ‘a transcendência’, ‘a espiritualidade’ etc., o movimento comportou também uma parte de antimaterialismo e anticientificismo militante, que muitos tomaram como se fosse a sua linha definitiva central (...)”

Existem muitos estudos sobre a Nova Era sob esse aspecto, como *O Despertar dos Mágicos*, *A Vingança das Feiticeiras* etc. Então, de repente, o mundo moderno — que parecia totalmente dominado por uma concepção cientificista-materialista — abre um rombo e começa a aparecer feitiçarias, magias, místicas etc. Esse é um ângulo pelo qual se pode examinar o negócio, quer dizer, existe esse aspecto também. Porém, o essencial, o principal da Nova Era foi o seu anticientificismo, ou o anti-racionalismo, ou o antimaterialismo? Não, não foi. Por quê? Porque os elementos científicos são em seguida incorporados na própria Nova Era.

“(...) mas, ao mesmo tempo ele buscou angariar em seu favor toda a sorte de legitimações científicas, ampliando, assim, a autoridade da ciência acadêmica até elevá-la ao estatuto de uma sabedoria superior ou revelação divina.”

Hoje, tornou-se a coisa mais normal colocar problemas de ordem metafísica ou religiosa para quem? Para os físicos. Stephen Hawkin ou milhares de outros cientistas estão a toda hora discutindo problemas como “se Deus existe”, ou “se a imortalidade existe” — uns dizem que sim, outros dizem que não; mas essa é uma questão que se coloca sobretudo para os físicos. Mas os físicos não tinham essa autoridade antigamente. O que lhes deu essa autoridade? O que os transformou, de repente, em teólogos e profetas? Foi a Nova Era, que começa atacando por um lado o cientificismo, mas por outro lado dá à classe científica uma autoridade profética e pontifícia que antes ela não tinha. Então esse elemento anticientificista ou antimaterialista foi um elemento tático usado num certo momento, mas ele não define a linha central desse movimento.

“Se a relação do movimento com a tradição científica do Ocidente é, portanto, ambígua, não há nada de ambíguo no seu empenho de desviar a imaginação das massas do cristianismo para alguma outra coisa, ou melhor, para uma alucinante infinidade de coisas que hoje passa por cristianismo.”

Ou pelo menos como aceitável do ponto de vista cristão. É só ver as coisas que o atual Papa disse e ver como esta idéia da dissolução das fronteiras do cristianismo entrou profundamente, já pegou a cabeça de um sujeito que foi nomeado Papa!

“Entre o materialismo do século XIX e o falso despertar espiritual da *New Age*, o antagonismo aparente encobre a unidade profunda de uma destruição em duas etapas, que primeiro

comprime os seres humanos na ‘terrestrialização absoluta’ do pensamento, como dizia Antonio Gramsci, e depois, quando a compressão levou massas inteiras ao desespero, lhes abre a porta de um simulacro de espiritualidade, realizando, assim, a profecia de Nietzsche: ‘Só se destrói completamente aquilo que se substitui’¹.”

Um fenômeno semelhante — uma espécie de antecipação de tudo isso — acontece no começo do século XIX quando Augusto Comte constata que a Revolução Francesa havia de fato eliminado a antiga ordem e feito uma série de conquistas do ponto de vista da legislação, mas que havia esvaziado o mundo de toda a espiritualidade e que o mundo precisava de uma nova religião. E ele inventa, então, a sua religião da humanidade: o positivismo.

Podemos dizer que o positivismo foi um antepassado da Nova Era. É claro, o positivismo não se espalhou entre as massas com nem um milésimo do poder da Nova Era. Mas influenciou muitos intelectuais que logo trataram de absorver o positivismo de Comte dentro da mentalidade científico-materialista, ou seja, eliminaram do positivismo os seus aspectos culturais e religiosos [0:30] que lhes pareciam ridículos e conservaram apenas aquilo que era compatível com o materialismo científico.

Então o positivismo, que pretendia ser um substitutivo para a espiritualidade perdida, se torna mais um elemento antagônico à toda espiritualidade, no instante em que se incorpora ao cientificismo materialista. Por exemplo, no livro do Leszek Kołakowski sobre o positivismo, lê-se que um aspecto religioso que o positivismo tem no seu primeiro instante na obra do Comte desaparece por completo e se transforma em mais um elemento fortalecedor da mentalidade científico-materialista. E quando se fala atualmente em positivismo, é isso que se tem em mente, e as pessoas nem se lembram mais de um negócio chamado religião da humanidade, tempo da humanidade, o calendário litúrgico inventado pelo Comte. Todos esses aspectos são varridos para debaixo do tapete: “Isto foi no período que o Comte já estava maluco! Isto aí não é importante”. Mas para o Comte isso era o centro da história. Ele se via como um fundador de uma nova religião. No entanto, toda filosofia positivista acabou sendo usada, no fim das contas, como mais um motivo para varrer a religião da face da Terra. Mas o mesmo problema com que o Comte se defrontara, reaparece aqui nesse período da Nova Era, com a seguinte justificativa: “Precisamos de uma nova crença, reencantar o mundo, reabrir uma janela para espiritualidade etc.”

Coloquei aqui uma nota dizendo que o René Guénon, no capítulo vinte e quatro, d’*O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, descreve maravilhosamente essa dialética, a qual ele chama de solidificação e dissolução. Ou seja, primeiro tem-se uma ideologia compressiva que reduz tudo aos seus aspectos mais imediatos e materiais, e isto vai se tornando cada vez mais compressivo e depressivo, como bem tinha visto Comte, e em seguida vem a dissolução. Com efeito, o marxismo e a Escola de Frankfurt aliadas ao positivismo moderno representam o elemento de solidificação, e, em seguida, vem a Nova Era com a dissolução. Não deixem de ler esse capítulo, pois *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, embora seja um livro cheio de problemas, ambiguidades etc., é um dos grandes livros do século XX e é uma leitura absolutamente indispensável. O papel do René Guénon nessa coisa é muito mais ambíguo do que os guénonistas em geral admitem. Nós veremos isso daqui a pouco.

“A essa definição negativa pode-se acrescentar um esboço de unidade histórica.”

¹ A dialética da “solidificação” e da “dissolução” é magistralmente explicada por René Guénon no capítulo XXIV de *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos* (*Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps*, Paris, Gallimard, 1945, reed. 1962, pp. 162 ss.).

Se você perguntar: “De onde surge a Nova Era?”

“Ao longo de toda a história do Ocidente cristão, uma subcorrente de pensamento mágico-ocultista jamais desapareceu por completo, despontando aqui e ali em manifestações ora mais, ora menos camufladas (...).”

Isso significa que todo o legado inter-religioso do paganismo não desaparece, ele continua vivo e eclodindo aqui e ali, ou em heresias, ou em elementos simbólicos que acabam sendo incorporados pelo imaginário cristão. Quem descreve isso maravilhosamente é o Friedrich Heer no livro *História Intelectual da Europa*.

“(...) que foram ganhando corpo a partir do Renascimento até explodir a plena luz do dia no espetáculo mundial da *New Age*.”

Se estudar, por exemplo, a história das seitas gnósticas, elas nunca desapareceram. Sempre houve centros gnósticos aqui e ali, ora mais, ora menos camuflados.

Em toda a história das heresias, algumas permanecem em estado subterrâneo durante séculos e de repente aparecem dominando toda uma religião e ganhando a adesão de não sei quantos bispos, cardeais etc., e criando uma rebelião; depois desaparece e vem outra e outra. Entre esses vários movimentos, não existe unidade doutrinal nenhuma, isso é um saco de gatos. O que se vê é a oposição ao cristianismo, ou a vontade de reabsorvê-lo em doutrinas que existiram antes dele, como o próprio gnosticismo. Ou seja, na *New Age*, tudo isso que, durante vinte séculos, continua existindo sob a forma de correntes subterrâneas, como um rio subterrâneo — onde surge um burquinho aqui, outro ali e começa a brotar água —, de repente, tudo aquilo se junta e cria um oceano, que foi a Nova Era.

“Não espanta, assim, que entre as fontes reivindicadas por esse movimento esteja a mais antiga forma de atividade religiosa conhecida na história humana, o chamanismo. Todas as expressões da *New Age* revelam algum toque chamânico. O chamã é um indivíduo que mediante rituais e práticas ascéticas obteve algum contato com o mundo das forças sutis da natureza, tornando-se capaz de, em estado de transe, prever acontecimentos, operar curas e exercer sobre a comunidade humana um poder de influência considerável. O chamã tem um controle muito precário das forças que manipula, tornando-se, com frequência, vítima delas e podendo, por isso mesmo, ser facilmente manipulado por magos e ocultistas de nível mais alto (...).”

Esse processo também é descrito por René Guénon em vários pontos de sua obra.

O chamanismo é uma das manifestações religiosas mais primitivas que existe. E sempre existirão chamãs, indivíduos que, ou devido a um raio na cabeça, ou a algum sonho, ou a uma pseudo-revelação, ou por ingerir alguma droga, ou a qualquer outra experiência estranha, parecem ter certa penetração numa região invisível, onde se tem sonhos premonitórios, algumas capacidades de precognição e também às vezes certos poderes curativos. Isso sempre existiu e continuará a existir. Porém, o chamã, comparado a um indivíduo pertencente a uma real seita gnóstica, é um pobre coitado, um zé-mané, e este pode ser influenciado de fora com uma facilidade tremenda, assim como um médium no terreiro de umbanda ou no centro de espiritismo. Onde existe um médium, existe um receptor e deve-se também existir um magnetizador, ou seja, alguém que o influencie. Fiz esta experiência uma vez: fui numa sessão espírita e estava ali o médium recebendo mensagens dos antepassados mortos das pessoas presentes, decidi então ser um destes antepassados e comecei a passar mensagens à cabeça dele. Então eu inventava uma frase e me concentrava nela, e daqui a pouco o

desgraçado falava a frase. Ele estava apenas captando elementos que jaziam mais ou menos no subconsciente das pessoas presentes. Se houvesse alguém disposto a fazer o trabalho de magnetizador, ele repetiria aquilo facilmente. Ele é um sujeito que perante aquela massa mais popular passa como se fosse um guia espiritual, mas é apenas uma antena inconsciente de influências que ele nem sabe de onde vêm. Então o chamã é por um lado um poderoso e por outro ele é um nada. [0:40] Compare-o a um sujeito realmente profissional da área, como um Gurdjieff, por exemplo. O que seria um chamã comparado ao Gurdjieff? O Gurdjieff o comeria no café da manhã.

A abrangência do imaginário da Nova Era vai desde o chamanismo até, por exemplo, o livro de Sheila Ostrander *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*, onde os soviéticos decidiram usar pessoas com capacidades de telepatia, premonição etc., nos serviços de espionagem e para outras missões da KGB — fizeram pesquisas avançadíssimas nisto aí. Desde o chamanismo — que existe desde a pré-história — até as experiências psíquicas na União Soviética e uma série de considerações espirituais baseadas em física quântica e todas as técnicas psicológicas recém-descobertas, tudo isto estava na Nova Era. O que não está na Nova Era? Só uma coisa não está. Até elementos do materialismo podem ser absorvidos, apenas o cristianismo não pode. Só pode entrar se for alterado e falsificado. É evidente que o sentido geral dos acontecimentos é este: não é combater o cristianismo como fez o comunismo, mas dissolvê-lo e absorvê-lo num outro imaginário. Isso também pode ser estudado desde outro ponto de vista. Estou estudando do ponto de vista cultural e psicológico — como isso penetra na cabeça das massas —, mas pode ser estudado sob o ponto de vista dos grupos dirigentes que tentam conduzir esse processo. Por exemplo, o livro do Malachi Martin *Windswept House (A Casa Batida Pelo Vento)* é a história de como certos grupos globalistas de cabeça mais ou menos maçônica, ou gnóstica, ou algo assim, penetraram na Igreja e tentaram utilizar o Papa João Paulo II, na época, para transmutar a Igreja da portadora e mantenedora da mensagem evangélica em uma espécie de administração geral das religiões comparadas — como o Templo de Todas as Religiões, que se encontra na ONU —, com as operações desse grupo cercando o Papa, tentando manipulá-lo e influenciá-lo, e ele tentando se virar no meio disso. O Papa João Paulo II achou que daria para manipular isso e dar a volta por cima, mas não conseguiu. Isso pode ser estudado sob esse outro aspecto. Aqui estamos estudando o aspecto cultural e psicológico, em termos de história e psicologia das massas — a psicologia social. Todavia, pode ser estudado sob o ponto de vista da ação dos grupos interessados. Talvez o faremos daqui a algumas aulas. Acompanhar a coisa tal como ela acontece no domínio cultural fica muito interessante, e depois ao observar o lado estratégico-político dela. Apenas a fusão dessas duas abordagens nos permite entender o que se passa, mas chegaremos lá.

“O transe, que pode ser provocado por algum estímulo natural, por exercícios ou pela ingestão de substâncias alucinógenas, leva-o a um estado alterado de consciência onde se confundem as forças sutis, o angélico e o diabólico.”

Tudo o que a física quântica veio a descobrir no século XX é uma coisa que antigamente se conhecia como forças sutis da natureza. Se vocês lerem o livro do Wolfgang Smith *O Enigma Quântico*, entenderão o que estou falando. Ele diz que tudo aquilo que se estuda na física quântica não é propriamente o que a física antiga chamava de matéria, mas um estado mais primitivo e mais indefinido da matéria, pois esta é definida exclusivamente pela quantidade, não importa a quantidade do quê, e isto já fôra estudado por Santo Tomás de Aquino e por vários escolásticos como *materia signata quantitate* — a matéria assinalada ou definida pela quantidade, e de fato é a mesma coisa. Smith está montado na razão. Com um nome diferente, o mesmo fenômeno é redescoberto. Séculos depois por métodos completamente diferentes, mas nem por isso deixa de estar falando da mesma coisa. Isso quer dizer que todo o universo da natureza está permeado por forças sutis que não são propriamente de natureza material,

embora sejam o elemento fundamental da matéria, o que realmente define a matéria é a quantidade, mas não basta a quantidade para defini-la.

Algum ocultista capaz de manipular algo dessas forças sutis estaria perante a ciência do seu tempo como um físico quântico em face da física de Newton — falaria de coisas que não existem na física de Newton e que não são redutíveis a ela. Então aqui cito Aldo Terrin, um jornalista italiano:

“A *New Age*, sobretudo, dá nova importância a todos os fenômenos de transe das religiões antigas e recentes, do *candomblé* da Bahia ao *bori* da África, do *vudu* haitiano ao *vodun* do Benin e do *Daomey*, do *ndoe* do Senegal ao *dhikr* dos muçulmanos².”

Imagine a quantidade de técnicas e de práticas ascéticas que foram inventadas ao longo de toda a história humana para produzir um transe, para levar o indivíduo a um estado alterado de consciência, como, por exemplo, os dervishes rodantes que existem na Turquia. O dervixe gira incessantemente, e num dado momento cai; ao cair ele está evidentemente num estado alterado de consciência. Ou a repetição infindável dos noventa e nove nomes de Alá, são noventa e nove qualidades de Deus, que estão contidos no Alcorão. O sujeito toma um dos nomes e o invoca, o qual repete várias vezes, articulando-o com um certo ritmo respiratório específico e ele também entra em transe, evidentemente. As milhões de técnicas que existem e que foram inventadas em todas as culturas e civilizações foram todas absorvidas pela Nova Era.

O que acontece com um cristãozinho europeu que repentinamente é submetido a tudo isso? O cristianismo dele se dissolve em dois minutos, ele não se tornará anticristão, é claro, mas terá penetrado num vasto mundo de um imaginário completamente diferente, em que os limites entre o angélico e o diabólico já não constam mais, porque não é identificável. Quem aqui não se submeteu a nenhuma experiência desse tipo? Todos se submeteram! De algum modo, direta ou indiretamente, você entrou nessa. Você pode dizer: “Ah, mas eu nunca participei dessas coisas”. Você nunca entrou num grupo de psicoterapia, num grupo de encontro, num encontro de casais ou numa coisa assim? Aquilo é Nova Era, meu filho! Se você disser: “Fiz o Cursilho de Cristandade!” Você tem idéia de quantos elementos da Nova Era foram incorporados ao Cursilho de Cristandade? Um monte! Você nunca fez *do-in*, acupuntura, consultou um astrólogo ou usou homeopatia? Todos fizeram uso disso e isso afetou a vida de todos. Inclusive, é claro, não podemos excluir desse movimento geral da Nova Era o que foi incorporado dela: muitas descobertas psicológicas e médicas importantes e válidas. [0:50] No entanto, elas vêm dentro de um contexto cultural, o da Nova Era, e acaba sempre concorrendo para os seus objetivos.

“Entre outras técnicas que vieram se somar às chamânicas, destacam-se a meditação zen-budista, o yôga, as práticas teosóficas e antroposóficas, o *subud*, os exercícios da escola Gurdjieff e do grupo italiano Ur, chefiado por Julius Évola, o uso de drogas alucinógenas, uma variedade alucinante de técnicas de massagem, relaxamento e hipnose e uma infinidade de outras, de origem mais moderna, surgidas da pesquisa clínica e acadêmica [que também se incorporaram gostosamente da Nova Era]: a bioenergética de William Reich, a terapia *Gestalt* de Fritz Perls, os exercícios posturais de Feldenkrais, a terapia do ‘grito primal’ de Arthur Janov, a RPG (reabilitação postural global), o *rolfing*, o *rebirthing* criado em Esalen por Leonard Orr, a sofrologia de Alfonso Caycedo, o *biofeedback* e uma infinidade de outras.”

² Aldo Natale Terrin, *New Age: La Religiosità del Postmoderno*, Bologna, Edizioni Dehoniane, 1992. p. 20.

Não dá para fazer a lista desse treco. Muitas dessas são coisas de real valor, por exemplo, Feldenkreis era um médico israelense que curou John Kennedy, o qual tinha um estilhaço na espinha que o acometeu na guerra da Coréia, ou sei lá onde, o que ocasionava dores horríveis, e o Feldenkreis, com os seus exercícios posturais, curou o homem. Logo, você não pode dizer que isso é um nada. Várias outras não se podem compreender fora dessa corrente de idéias, como o trabalho do Viktor Frankl. Ela se incorpora aí. Isso significa que, para o mal ou para o bem, existem inúmeras contribuições da Nova Era que não podemos desprezar. O problema é saber de onde as coisas vieram, com o que se misturaram e separar os alhos de bugalhos.

De tudo isso que está no ar, que está incorporado à cultura contemporânea, que aparece na televisão e nos filmes a todo o momento, quem não foi influenciado por isso? Por exemplo, por várias décadas não se consegue ver um filme de faroeste americano no qual o índio não seja um sábio. Ele é sempre um sábio que possui uma visão do além, enquanto os brancos são os materialistas grossos. Onde se incorporou isso? Toda essa cultura mágica chamânica dos índios *sioux* foi incorporada pela *tariqa* do Frithjof Schuon, o qual era um pajé honorário da tribo *sioux*. Os livros que fizeram o prestígio acadêmico da espiritualidade *sioux* foram todos escritos por membros da *tariqa* do Schuon, como Joseph Brown, que conheci, um sujeito que fôra criado parcialmente pelos índios, cujo padrinho era um pajé da tribo *sioux*, e seu pai lhe entregara, a fim de que terminasse de criá-lo. Desde pequeno ele foi incorporando essa coisa e quando cresce vai estudar antropologia e publica a tese antropológica sobre o rito secreto dos índios *sioux*. Mas ele é o antropólogo ou o antropófago? Ou seja, ele é um sujeito que está estudando a cultura ou é um membro daquela cultura, um porta-voz dela? Isso se torna absolutamente indiscernível, e milhares de estudos antropológicos são desse nível.

O que acontece com Pierre Verger, no Brasil? Ele é um antropólogo formado na França que se torna um pai de santo, e, quando vai para a África, é recebido não como um cientista ocidental que ali chega, mas como um guru, como um grande pajé, com uma grande autoridade espiritual da religião que, teoricamente, como antropólogo a estudava. Quem escapou dessa influência? Pelo menos, no cinema, ao assistir a essas coisas, elas se incorporam na sua mente como se fossem algo inteiramente natural. E sempre onde essas criaturas aparecem, elas são dotadas de poderes sobre-humanos, mais ou menos modeladas sob a imagem do Don Juan, do Castañeda, que era o sujeito que podia tudo: ele podia se transformar em corvo, sair voando e sabia tudo antecipadamente. Esses índios que aparecem nesses filmes são todos assim. Quantos espectadores desses filmes vão chegar em casa e dizer: “Bom, deixe-me estudar e ver se as coisas eram realmente assim”. Se esses índios eram tão espertos, como eles perderam a guerra tão facilmente? Seria o caso de se perguntar. É evidente que está se produzindo aí uma imensa mistificação dessas religiões pré-cristãs, mostrando sob um aspecto em que elas aparecem como um conhecimento sacro, infinitamente superior ao cristianismo.

No filme do Ingmar Bergman, Fanny e Alexander, o bandidão é um pastor protestante que adota duas crianças e as oprime. Elas são libertadas por um rabino cabalista — estando presas, o rabino vai de encontro a elas, pronuncia algumas palavras em hebraico, as crianças desaparecem e são libertadas. Então, esse cara, porque estudou a cabala, tinha um poder extraordinário de ordem realmente espiritual, e o pastor protestante, o malvado da história, só tinha de sua religião aquela sobra de moralismo repressivo idiota, que também existe, sem dúvida. Então esse assalto multilateral ao imaginário afetou todo mundo.

Faça este exercício ao chegar a sua casa, pergunte-se: “Quantos elementos da Nova Era se incorporaram às minhas reações espontâneas? Quantas vezes, assistindo a um filme, faço a crítica cultural do negócio, para saber do que estão tentando me convencer, o que botaram no meu imaginário, quem o pôs e por que pôs?” É claro que se fizer isso, noventa e nove por

cento dos filmes tornam-se tremendamente idiotas e perdem a graça. Desculpem-me por ser o estraga-prazeres. Mas às vezes as pessoas vêm e dizem-me: “Uh! Assisti ao filme tal”. Daí respondo: “Isso aí é uma babaquice!” Lembro-me que tinha um grupo de alunos que, muito antigamente, eram entusiasmados pelo filme *Coração Satânico*, aquele filme com Mickey Rourke, um sujeito feio para danar. Ele era um policial que estava investigando uma série de crimes e depois descobre que foi ele mesmo quem cometeu os crimes sob a influência do diabo. O diabo fazia uma possessão e ele cometia os crimes. Todos estavam achando aquilo um negócio incrível, duma profundidade extraordinária e me chamaram para dar uma conferência. Onde é que foi? Não foi em Niterói.

Aluno: Acho que foi na USP.

Olavo: Não foi na USP. Acho que foi no Rio de Janeiro. Na USP também, mas primeiro foi no Rio de Janeiro, na cidade de Campos. Eu cheguei lá e falei: “Desculpem-me por decepcioná-los, mas o diabo deste filme é um diabo de quinta categoria, porque ele não sabe sequer que pecados cometidos em estados de possessão não entram no Juízo Final. O sujeito estava completamente inconsciente, então o diabo poderia fazer o cara cometer quantos crimes quisesse e seria absolvido no Juízo Final. Que raio de capeta é este que não sabe nem mandar um neguinho para o inferno?” O pessoal ficou muito decepcionado e nunca mais falaram do filme. Estraguei a brincadeira deles!

Aluno: Você também estragou um outro filme, do Tarkovsky.

Olavo: Ah, o filme do Tarkovsky! Como é que chamava aquele filme? Todos diziam: “Não! Mas o filme do Tarkovsky é um negócio de uma profundidade!” Que profundidade nada, isso é uma vulgaridade da Nova Era! Num de seus filmes, no fim do mundo, tem um sujeito correndo para cima e para baixo, vestindo um roupão com um *Ying-Yang* atrás, isto é um lixo simbólico da Nova Era, um compêndio de besteiradas! As pessoas assistem e ficam embasbacadas. Tal como o filme do Bergman, ele fez grandes filmes na juventude, mas quando chegou com aquele negócio de Fanny e Alexandre, isto é um besteiro da Nova Era. O velho está gagá! Leu essas coisas e se deixou convencer. [01:00] O número de vulgaridades espirituais que a Nova Era pôs em circulação — e que as pessoas aceitam como se fosse ou um sinal de sabedoria, ou uma mensagem divina, ou pelo menos uma coisa de grande profundidade filosófica —, é acachapante ver a onipresença desses elementos nas artes, espetáculos, no ensino, na cultura, nas discussões do dia a dia, na teologia. Então, se você quer entender a sua vida, você vai ter de estudar a Nova Era, porque tem muitos elementos da Nova Era que estão ali incorporados.

“Entre os precursores mais modernos da *New Age* é preciso destacar Franz Mesmer [o descobridor do mesmerismo, dos fenômenos de energia sutil], Fabre d’Olivet (...)”

Fabre d’Olivet foi um sujeito que estudou a língua hebraica em tal profundidade, que recitando frases em hebraico ele curava surdez. Você imagina a aura de sapiência mágica que existia em torno dele. Isso quer dizer que esse legado todo da Cabala tem conhecimentos verdadeiros, é claro. Verdadeiros e muito profundos, mas não quer dizer que você os domine. Você pega um pedacinho aqui, um pedacinho ali e faz algo extraordinário, ou faz desaparecer as crianças, ou cura o surdo e pronto, com isso você já virou um guru, ou um mago da Nova Era.

“(...) Alan Kardec, Gerard Encausse (Papus), Madame Blavatski, Edgar Cayce, Aleister Crowley, Rudolf Steiner, Julius Évola e, com certa ambiguidade, como veremos adiante, René Guénon e toda a sua escola de pensamento ‘tradicionalista’.”

Aqueles que aderem a essa escola, acreditam piamente que ela é contra a Nova Era, que é contra o ocultismo e que ela representa o ponto de vista da verdadeira tradição. Tradição que aparece deformada e rebaixada nessas manifestações ocultistas. A coisa realmente não é bem assim. Digo isso depois de ter estudado essa coisa durante quarenta anos.

Então, o René Guénon é um dos pais desse movimento que ele mesmo condena. Aí também tem um jogo dialético. Como você tem a solidificação e a dissolução, você também tem este jogo de jogar no ar milhares de elementos de antigas tradições ocultistas ou místicas etc., evidentemente degradadas, e depois você aparecer como o portador da mensagem original que elas estão deformando e popularizando, e dizer: “Não, não é nada disso. Você não tem de seguir isso, você tem de seguir a mim”. Mas uma coisa está solidária com a outra, evidentemente.

“Importantes organizações ocultistas desenvolveram-se na Alemanha, tanto durante a República de Weimar quanto no período nazista. A divulgação desse fenômeno pelo livro de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, em 1968, foi o toque de despertar que antecedeu imediatamente a eclosão da *New Age*. O movimento adquire seu primeiro perfil público em Pasadena e Esalen (Califórnia) e em Princeton (New Jersey). Mas, no começo dos anos 70 já havia nos EUA pelo menos quarenta importantes centros de difusão, quase sempre ancorados no prestígio de cientistas-místicos que buscavam uma alternativa ao materialismo. Tamanha é a variedade de técnicas psíquicas fornecidas pela *New Age*, que em geral, os interessados se submetem a várias delas, sucessivamente ou ao mesmo tempo, o que já basta para tirá-lo quase que instantaneamente da atmosfera cristã e jogá-lo num espaço indefinido e sem limites onde a sucessão de experiências eletrizantes não raro vem junto com um notável decréscimo de inteligência e uma regressão a emoções infantis.”

Isso observei não em centenas, mas em milhares de casos. Quer dizer, o indivíduo está ficando idiota — está lá fazendo todas as práticas gurdjieffianas — e ele acredita que está tendo vivências cada vez mais profundas e reveladoras, e você de fora está vendo que o sujeito está ficando completamente idiota. É justamente porque ele está ficando idiota que, para ele, qualquer banalidade parece ter uma profundidade extraordinária.

“Há um outro elemento que é comum a todas as manifestações da *New Age* (...).”

E este aqui é o ponto, um dos pontos centrais da coisa para mim:

“(...) e no qual não hesito em ver um eco remoto da torção operada por Immanuel Kant, de uma metafísica focada no Ser para um submetafísica centrada no sujeito. De fato, em toda a *New Age* nada se vê de similar aos milagres da Igreja Católica, que são interferências diretas do poder divino no mundo, independentes do estado subjetivo das pessoas envolvidas. Ao contrário, a ênfase [da Nova Era] recai em ‘experiências interiores’, ‘estados de consciência’, ‘sensitividade’ etc. Tudo isso passa-se dentro do sujeito.”

Na tradição católica, existem evidentemente os estados místicos. Mas o que eles valem? Eles por si mesmos não valem nada. A importância e o valor deles dependem exclusivamente de que o seu conteúdo objetivo esteja de acordo com os critérios da tradição. Então, alguém diz que viu Jesus Cristo, e o que Jesus Cristo disse? Ele disse tal, tal e tal coisa. Se essas coisas conferem com o que Ele disse em vida e com aquilo que a tradição ensina, então você aceita. Caso contrário, não. Isso quer dizer que o estado místico em si mesmo não vale nada. E, além disso, os milagres não requerem nenhum estado místico. Ao contrário, eles acontecem no mundo físico e independentemente do fato de as pessoas não estarem em estado místico nenhum. Você não vai dizer que as setenta mil pessoas que estavam lá em Fátima estavam todas em transe místico. Não estavam nada! O que quer dizer que acontece uma

transformação no ambiente físico — transformação material — que é iniciativa do próprio Deus e que independe totalmente do estado místico ou do estado de consciência da pessoa que esteja ali. Na Nova Era, ao contrário, o estado de consciência é tudo, então, isto é a mesma coisa que dizer que as pessoas não estão buscando Deus como um Ser que existe independentemente delas, que atua sobre elas e sobre o mundo, mas, ao contrário, elas estão buscando um estado de consciência, uma transformação interior. Evidentemente, quando esses estados começam a ser valorizados em si mesmos, então, você, é claro, entrou no terreno do que se chama o preternatural, ou diabólico. Você não sabe mais de onde vem as mensagens que você está recebendo. A ênfase inverte.

Os estados místicos na Igreja Católica são vistos até com desconfiança, e só tem algum valor quando o objeto delas, quer dizer, o assunto delas coincide com o que se sabe de Deus, da Santa Virgem, dos anjos e dos demônios na tradição. Os evangelistas, por exemplo — os autores dos evangelhos —, eles não estavam em transe místico quando escreveram aquilo, ao contrário, eles estavam apenas tentando relatar aquilo que viram, consultando testemunhas, perguntando o que viram, fazendo uma obra de historiador. E quando há uma visão mística, ela vale se o conteúdo objetivo, a contrapartida objetiva dela, for real, senão, não. Ao passo que na Nova Era não se fala desse conteúdo objetivo, só se fala dos estados místicos, dos estados alterados de consciência etc. A mística, antes falava de Deus, agora fala dos meus estados de consciência. O que é isso? É um kantismo. Quer dizer, em vez de você olhar para o objeto, agora você olha para o sujeito, e as transformações internas do sujeito são tudo o que existe.

Eu escrevi um livreto, a muitos anos atrás — acho que o livro está muito mal escrito —, *O Crime da Madre Agnes*, que estuda a peça do John Pielmeyer, Agnes de Deus, na qual, no fim das contas, todos os acontecimentos de ordem miraculosa são remetidos ao estado de consciência. Eles são estados interiores que a pessoa viveu. Mas se for um estado interior, então não é milagre nenhum. O milagre tem de acontecer no mundo objetivo, no mundo externo, no mundo físico. Por exemplo, a menina sem pupilas que vai ao Padre Pio. Ele reza e a menina começa a enxergar sem pupilas. Esse é um fenômeno da ordem física. A menina não estava em outro estado de consciência, nem o Padre Pio estava em outro estado de consciência. Então, essa é uma interferência de Deus [1:10], interferência objetiva, e na Igreja Católica é isto o que importa. O estado místico por si não é nem sequer recomendado: “É uma coisa muito perigosa, não se meta nisso”. E se Deus quiser lhe dar uma visão mística, ele lhe dará, não se recomenda que ninguém procure isto. Esta coisa de ficar forçando um estado místico, como se faz no *dhikr* islâmico, na Igreja Católica já é considerado uma coisa diabólica por natureza. Você está forçando para entrar num estado alterado de consciência.

Então, isso quer dizer que a Nova Era inverte a importância e a lógica da ação de Deus na realidade objetiva e a experiência mística interna e particular, o mundo objetivo não interessa mais. Não interessa nem saber se Deus existe ou não. Interessa que tive um estado interior, que tive uma visão, que tive um estado alterado de consciência etc. Leiam esse livrinho. O livro, repito, está muito mal escrito e tem erros, inclusive, mas no essencial o que estou dizendo ali está certo.

Esse filme, por exemplo, é um exemplo dentre milhões que escolhi para mostrar essa torção do fenômeno objetivo, da realidade objetiva, para o estado subjetivo. E essa torção é comum a todos os elementos da *New Age*. Então, esses estados subjetivos — os estados alterados —, por sua vez, nem tem e nem deixam de ter um valor cognitivo. Eles não são e não podem ser submetidos a esse teste, porque a validade é o estado subjetivo. O que importa é o que você

sentiu, o que importa é o que você acha que percebeu, o que importa é a sua transformação interior etc.

E essa peça do John Pielmeyer — que depois virou um filme —, também foi encenada no Brasil, com a Walderez de Barros, que era mulher do Plínio Marcos. Depois, ela leu esse meu livrinho e ficou muito interessada nesse aspecto da coisa. Ela e o Plínio Marcos estavam estudando esse negócio, mas não sei o que deu. De qualquer modo, acredito que o meu livrinho tenha sido o estraga-prazeres: “Ah! Vocês estão achando que essa peça é de uma profundidade extraordinária e estou mostrando que isso é tudo uma bolha de sabão”. Isso é exatamente o que se entende como estado alterado de consciência. É o que, do ponto de vista da tradição católica, não representa conhecimento espiritual de maneira alguma, mas representa apenas uma experiência subjetiva.

Para quem tem uma experiência superficial da religião — e não podemos negar que no mundo moderno, sobretudo a partir do século XIX, o ensino religioso se limita ao moralismo exterior; se reduz ao ritualismo e ao moralismo —, de repente, vem alguém com uma proposta de estados alterados de consciência, você acha que passou por um aprofundamento extraordinário dos seus conhecimentos. É claro, quanto mais burro o sujeito é, mais facilmente ele aceita essas coisas. Então, você vê primeiro a solidificação de que falou Guénon — a própria religião se solidifica num moralismo conservador opressivo e no ritualismo —, e depois ela se dissolve nessa poeira de experiências psíquicas da Nova Era. Existem vários outros aspectos que tem de ser levados em consideração nesse estudo. O primeiro é o seguinte: qual a relação entre *New Age* e *New Left*? Como elas se articulam entre si?

Em 1910, o György Lukács lança este programa: “Nós temos de destruir não o capitalismo, não a burguesia, mas a civilização ocidental, porque ela é que está protegendo o capitalismo”. Então, ao longo do século, a Escola de Frankfurt vai descobrindo várias novas maneiras de demolir a civilização ocidental desde dentro. Uma das últimas é, por exemplo, o negócio do *sex lib*. O *sex lib* aparece na Alemanha em primeiro lugar com o Wilhelm Reich, mas o que veio depois é muito mais radical em relação ao que Reich fazia. E esse movimento da Escola de Frankfurt culmina em dois elementos: um é o Herbert Marcuse, com a idéia do *sex lib* e a transformação de bandidos, prostitutas, drogados na classe revolucionária — uma idéia que no Brasil penetrou profundamente. Toda esta opção preferencial da esquerda nacional pelos bandidos vem daí. Por outro lado, se expressa no Jürgen Habermas com a idéia do consenso, quer dizer, dissolver todo o conhecimento objetivo que você tem num consenso de opiniões. Assim, o consenso de opiniões interessa mais do que a realidade, que também é um negócio kantiano, sem dúvida.

Toda essa linha de influência vem pelo lado da Escola de Frankfurt e aparentemente a *New Age* não tem nada a ver com isso. Porém, quando você vê a força destrutiva da *New Age*, que em vez de atacar o cristianismo ela o dissolve, o corrompe e o transforma em outra coisa, você fala: “Mas isso está rigidamente dentro do programa da escola de Frankfurt”. Mas onde se unificam as duas coisas? Do ponto de vista doutrinal, do ponto de vista filosófico, não se unificam. Mas elas se unificam no lado estratégico. As forças e os grupos que apadrinharam a Escola de Frankfurt, que a trouxeram para os EUA e a alimentaram com dinheiro, prestígio, apoio etc., são as mesmíssimas que promoveram a *New Age*. Todo esse lado da coisa, que é o lado organizacional e estratégico, é descrito no livro do Lee Penn *False Dawn: The United Religions Initiative*³ (*Falsa Aurora: O globalismo e a busca de uma religião mundial*). Então, desde o início do século XX, existem organizações subsidiadas por bilionários, que tem como

³ Lee Penn - *False Dawn: The United Religions Initiative, Globalism, and the Quest for a One-World Religion*.

objetivo justamente a dissolução do cristianismo numa nova religião mundial, que hoje em dia é promovida pela ONU. Esse livro é constituído quase que só de documentos — acordos, manifestos, propostas etc. Os grupos dos quais ele está falando aí, como, por exemplo, esse pessoal do *Lucis Trust*, que era *Lucifer Trust*. O sujeito que era o chefe disso foi durante muito tempo o presidente da *Heritage Foundation*, que é um importante *think tank* conservador aqui nos EUA. Veja até onde vai a penetração desses caras. Então, o homem do *Lucis Trust* está lá na presidência da *Heritage Foundation* e por cima de todas as fronteiras ideológicas tem esse imenso grupo globalista — que no fim é o mesmo pessoal do Grupo Bilderberg, as duzentas maiores fortunas do mundo —, que está por um lado apadrinhando a Escola de Frankfurt e toda a esquerda mundial, e por outro lado também apadrinhando a *New Age*. Então, qual é a proposta desses caras? Em última análise, é a sociedade totalmente administrada, é a ordem científica que eu falava no começo, é a administração científica do mundo.

Então, quer dizer, entre as duas ideologias, os dois ideais, os dois sonhos do racionalismo total e do irracionalismo completo parece que existe um acordo, porque o segundo é um instrumento do primeiro. Esse é um aspecto que tem de ser estudado — não estou estudando isto aqui, só o estou mencionando, mais tarde vamos estudá-lo.

Um segundo aspecto é o do György Lukács, que lança este brado da destruição da civilização ocidental por volta de 1910, e no fim da vida ele escreve um livro que se chama *A Destruição da Razão*, atribuindo todo o irracionalismo ocidental à direita e aos conservadores. Eu digo: “Ah!, mas você não lembra o que você lançou lá atrás? Quer dizer, se está destruindo a razão e criando [1:20] uma atmosfera irracionalista, está perfeitamente dentro do seu programa. Do programa que você lançou, de destruição da civilização do Ocidente”. Então, só esta transformação interna do György Lukács, que se torna incapaz de reconhecer as suas próprias obras e projeta no seu adversário, no seu inimigo, o mal que a própria Escola de Frankfurt criou, esta é outra coisa que tem de ser estudada. Ali você encontrará o ponto de convergência entre a Escola de Frankfurt e a *New Age*.

E o terceiro aspecto que tem de ser estudado é justamente onde entra o René Guénon e a escola tradicionalista. Toda a obra do René Guénon é um tremendo requisitório contra o ocultismo moderno que ele considera uma pseudo-iniciação ou uma contra-iniciação, em oposição a qual ele vem oferecer as verdadeiras iniciações que remontam a uma tradição primordial. Acontece que toda a carreira do René Guénon começa justamente com a sua participação nesses meios ocultistas, dos quais ele realmente não se livra até o fim. E o próprio combate que ele move a essas organizações ocultistas é na seguinte base: ele está trabalhando pela mesma finalidade de todo este movimento, porém, ele quer que toda a confusão espiritual que o ocultismo moderno lançou, reverta em benefício do quê? Do Islam esotérico.

Muitas pessoas passaram por esse trajeto. Eu também passei, mas isso não constitui a minha biografia inteira. Constitui uns sete ou oito anos da minha vida, quando passei por essa experiência. Quer dizer, você entra nesse negócio *New Age*, experimenta essa coisa toda, absorve tudo isso, mas intelectualmente é insatisfatório, porque você vê que é muito fraco no fim das contas. É muito inconsistente, muito boboca e você quer uma coisa melhor. Você vai procurando uma coisa melhor até que descobre o René Guénon e daí você parece que entende. Você diz: “Mas tudo isso, então, vem da dissolução de antigas tradições espirituais autênticas que ainda existem e com as quais você pode se conectar”. Então, quer dizer, você passou lá pela Madame Blavatsky, pelo espiritismo e você termina numa *tariqa sufi*. Aí completou o serviço.

Entre a *New Age* e o sufismo, existe uma relação dialética, como a que existe entre Escola de Frankfurt e *New Age*. Existe uma espécie de oposição que é resolvida numa síntese final em favor de um dos lados. Que chance teria o sufismo e o Islam no Ocidente se a *New Age* não tivesse dissolvido o imaginário cristão ao ponto de tornar as pessoas vulneráveis e abertas a uma outra proposta completamente diferente? Portanto, a *New Age* e o ocultismo preparam o terreno, semeiam, daí vem o sufi e recolhe tudo — estou só mencionando este aspecto, não o estou estudando ainda. Isso quer dizer que a vida psicológica, a vida espiritual das pessoas de hoje em dia é determinada por esses fatores que elas não conhecem de maneira alguma. E sem você rastrear essas influências que formaram a sua mente, como você vai se libertar disso e enxergar um pouco acima desse negócio? É impossível.

Então, uma das missões, ou obrigações, que tento atender com este curso é isto: tornar as pessoas conscientes dos fatores que formaram a sua alma, de modo a oferecer a elas uma verdadeira alternativa. Agora você tem os elementos e você escolhe para onde vai.

Transcrição: Renata Dutra Praun, Danilo Flugge e Bernardo Jordão

Revisão: Cláudia Makia.